

## Cardeal Tempesta

Orani João Tempesta, O.Cist  
Arcebispo do Rio de Janeiro

## Tempo Comum e o Ano Litúrgico

Durante o ano inteiro celebramos a vida de Cristo, desde o anúncio da expectativa da vinda do Messias, a sua Encarnação no seio da Virgem Maria, passando pelo seu Nascimento, Paixão, Morte, Ressurreição, até a sua Ascensão e a vinda do Espírito Santo. Mas enquanto civilmente se comemoram fatos passados que aconteceram uma vez e não acontecerão mais, (muito embora esses fatos influenciem a nossa vida até os dias de hoje), no Ano Litúrgico, além da comemoração, vivemos na atualidade, no dia a dia de nossas vidas, todos os aspectos da salvação operada por Cristo. A celebração dos acontecimentos da Salvação é atualizada, tornada presente na vida atual dos batizados.

No Ano Litúrgico, a cada Natal é Cristo que nasce no meio das famílias humanas, é Cristo que sofre e morre na cruz na Semana Santa, é Cristo que ressuscita na Páscoa, é Cristo que derrama o Espírito Santo sobre a Igreja no Dia de Pentecostes. De forma que, ao fazermos memória das atitudes e dos fatos ocorridos com Jesus no passado, essas mesmas atitudes e fatos tornam-se presentes e atuantes, acontecem hoje, no aqui e agora da vida dos batizados. É a atualização no hoje.

O Ano Civil começa em 1º de janeiro e termina em 31 de dezembro. Já o Ano Litúrgico começa nas primeiras vésperas do 1º Domingo do Advento (cerca de quatro semanas antes do Natal) e termina na véspera do Advento vindouro, sábado da 34ª semana do Tempo Comum. Podemos perceber, também, que o Ano Litúrgico está dividido em "Tempos Litúrgicos". Antes, porém, vale a pena lembrar que o Ano Litúrgico é composto de dias, e que esses dias são santificados pelas celebrações litúrgicas do povo de Deus, principalmente pelo Sacrifício Eucarístico e pela Liturgia das Horas. Por esses dias serem santificados, eles passam a ser denominados dias litúrgicos. A celebração do domingo e das solenidades, porém, começa com as Vésperas (na parte da tarde) do dia anterior.

Dentre os dias litúrgicos da semana, no primeiro dia, ou seja, no domingo (Dia do Senhor), a Igreja celebra o Mistério Pascal de Jesus, obedecendo à tradição dos apóstolos. Por esse motivo, o domingo deve ser tido como o principal dia de festa. Esse anúncio das festas móveis acontece no Dia da Epifania, demonstrando que tudo parte da celebração do Tríduo Pascal.

Cada rito litúrgico da Igreja Católica tem o seu Calendário Litúrgico próprio, com mais ou menos diferenças em relação ao Calendário Litúrgico do Rito romano, o mais conhecido, pois é o que seguimos. No entanto, para todos os ritos litúrgicos é idêntico o significado do Ano Litúrgico, assim como a existência dos diversos tempos litúrgicos e das principais festas litúrgicas.

A Igreja estabeleceu para o Rito romano uma sequência de leituras bíblicas que se repetem a cada três anos, nos domingos e nas solenidades. As leituras desses dias são divididas em ano A, B e C. No ano A leem-se as leituras do Evangelho de São Mateus; no ano B, o de São Marcos e no ano C, o de São Lucas. Já o Evangelho de São João é lido no tempo pascal, alguns domingos do ano B e também em ocasiões especiais, principalmente as grandes festas e solenidades. Durante os dias da semana a sequência é diferente: anos pares e anos ímpares para a primeira leitura, tendo o mesmo evangelho como leitura ferial.

O Ano Litúrgico da Igreja é assim dividido: 1 - Advento, 2 - Tempo do Natal, 3 - Tempo Comum - 1, 4 - Tempo Quaresmal, 5 - Tempo Pascal, 6 - Tempo Comum - 2. Além dos tempos que têm características próprias, restam no ciclo anual 33 ou 34 semanas nas quais são celebrados, na sua globalidade, os Mistérios de Cristo. Comemora-se o próprio Mistério de Cristo em sua plenitude, principalmente aos domingos.

É um período que nos mostra que Deus se faz presente nas coisas mais simples. É um tempo de esperança e acolhimento da Palavra de Deus. Este tempo é chamado de Tempo Comum, mas não tem nada de vazio. É o tempo de a Igreja continuar a obra de Cristo nas lutas e no trabalho pelo Reino.

O Tempo Comum é dividido em duas partes: a primeira fica compreendida entre os tempos do Natal e da Quaresma, e é um momento de esperança e de escuta da Palavra no qual devemos anunciar o Reino de Deus; a segunda parte fica entre os tempos da Páscoa (após Pentecostes) e do Advento, e é o momento do cristão colocar em prática a vivência do reino e ser sinal de Cristo no mundo, ou como o mesmo Jesus disse, ser sal da terra e luz do mundo. O Tempo Comum é ainda tempo em que celebramos as memórias da Virgem Maria e dos santos. A cor utilizada no Tempo Comum é o verde, que tem como significado o crescimento e a esperança.

## CORONAVÍRUS

## EUA vão se juntar à Covax, que busca distribuir vacinas a países pobres

**O**s Estados Unidos (EUA), sob o governo do presidente Joe Biden, pretendem se juntar à iniciativa Covax que busca entregar vacinas contra Covid-19 a países pobres, disse o principal conselheiro médico de Biden, Anthony Fauci, à Organização Mundial da Saúde (OMS) ontem. Fauci é imunologista e chefe do Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infeciosas, dos EUA.

O diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, saudou o anúncio feito ao conselho executivo da entidade: "Esse é um bom dia para a OMS e um bom dia para a saúde global".

Falando de Washington por videoconferência, um dia de-

pois da posse de Biden, Fauci afirmou que "o presidente Biden vai divulgar uma diretriz que incluirá a intenção dos Estados Unidos de se juntar à Covax e apoiar o ACT-acelerador, a fim de avançar nos esforços multilaterais para a distribuição de vacinas, terapias e diagnósticos para a Covid-19, além de acesso equitativo, pesquisa e desenvolvimento".

Os primeiros lotes de vacinas para países pobres devem ser entregues pela Covax em fevereiro, disseram autoridades da OMS nesta semana, apesar de manifestarem preocupações com o fato de que os países ricos estão ficando com a esmagadora parcela das doses disponíveis.

A Covax é gerenciada pela OMS com a aliança para vacinas Gavi.

Os EUA permanecerão como membros da OMS e "cumprirão suas obrigações financeiras", disse Fauci, acrescentando que o país trabalhará com mais 193 membros para reformar a entidade.

O antecessor de Biden, Donald Trump, suspendeu o financiamento para a Organização Mundial da Saúde, que tem nos EUA seu principal doador, e anunciou o processo de retirada do país do órgão.

"A OMS é uma família de nações e estamos todos felizes que os EUA permaneçam na família", disse o presidente da OMS, Tedros Adhanom.

**FORA DE ÉPOCA**  
Paes descarta realizar carnaval em julho no RJ

VINÍCIUS LISBOA/ABRASIL

O prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, decidiu suspender o carnaval fora de época que havia sido planejado para julho. A criação de um carnaval anual no início do segundo semestre foi aprovada pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro e sancionada pelo governador em exercício, Claudio Castro.

A decisão da Prefeitura do Rio de Janeiro foi anunciada ontem à tarde, no perfil de Eduardo Paes no Twitter:

Paes explicou que o carnaval exige uma grande preparação por parte dos órgãos públicos e das agremiações e instituições ligadas ao samba, o que ele não considera possível fazer nesse momento.

"Dessa forma, gostaria de informar que não teremos carnaval no meio do ano em 2021", disse o prefeito, que completou: "certamente em 2022 poderemos (todos deviamente vacinados) celebrar a vida e nossa cultura com toda a intensidade que merecemos".

O projeto que prevê a realização anual de um carnaval fora de época em julho foi sancionado na semana passada pelo governo do estado, que ainda não definiu a data da celebração. Na época, o governo esclareceu que a lei visa a estimular o turismo, o lazer e a economia, mas apenas possibilidade que o evento seja realizado, o que irá depender das recomendações das autoridades sanitárias.

A celebração foi batizada de CarnaRio e, segundo a lei, a organização deve ser discutida entre a Secretaria de Estado de Cultura, as ligas de Escolas de Samba, agremiações e blocos carnavalescos.

Antes da aprovação da lei, o adiamento do carnaval para julho já havia sido anunciado pela Liga Independente das Escolas de Samba (Liesa) e por grupos que representam blocos de carnaval tradicionais da cidade. As escolas de samba do grupo especial já haviam sorteado a ordem dos desfiles, que estavam previstos para ocorrer nos dias 11 (domingo) e 12 (segunda) de julho.

Apesar disso, o presidente da Liesa, Jorge Castanheira, havia reiterado, em dezembro, que a vacinação da população contra a Covid-19 seria fundamental para a realização do evento.

## NOTA SEBASTIANA

A Associação de Blocos de Rua do Rio (Sebastianiana) divulgou uma nota de apoio à medida, em que afirma "recepção com alívio" à decisão do prefeito. A associação representa parte dos blocos tradicionais da zona sul e do centro do Rio, como o Escravos da Mauá, o Carmelitas e o Simpatia é Quase Amor.

"A decisão do prefeito Eduardo Paes vem ao encontro do posicionamento da Sebastianiana anunciado anteriormente, que reitera a não realização dos desfiles dos seus blocos em 2021. O retorno dos blocos às ruas só poderá se dar quando houver vacina e imunização de toda a população, condição essa que assegure a segurança de todos".

A Sebastianiana reconhece que a decisão afeta "uma legião de trabalhadores", mas afirma que a cidade "não tem condições de organizar e financiar a estrutura necessária para um evento do tamanho do carnaval".

"Para nós, o mais importante nesse momento é o cuidado com as pessoas, o controle da pandemia e o respeito à vida e ao luto das famílias. Além disso, iniciar conversas com as secretarias de cultura tanto da prefeitura quanto do estado para que sejam criados editais de emergenciais de ajuda aos trabalhadores do carnaval".

## ARGENTINA

## Fernández é o primeiro líder a ser imunizado na AL

SYLVIA COLOMBO/FOLHAPRESS

O presidente argentino, Alberto Fernández (foto), tomou ontem a primeira dose da vacina russa Sputnik V, no hospital Posadas, em Buenos Aires. Ele foi o primeiro mandatário a começar a imunização contra o coronavírus na América Latina.

As primeiras 200 mil doses da vacina importadas pela Argentina já foram aplicadas em funcionários do sistema de saúde público. A fase inicial da vacinação, que começou em 29 de dezembro, atendeu também a alguns políticos com menos de 60 anos - segundo o governo, para dar exemplo sobre a importância da vacinação.

A lista inclui, por exemplo, o governador da província de Buenos Aires, Axel Kicillof, que tem 49 anos e tomou as duas doses do medicamento.

O recorte de idade foi feito porque a Anmat (a agência argentina equivalente à Anvisa) ainda não tinha recomendado o

imunizante russo para a população com mais de 60 anos - havia dúvidas sobre possíveis efeitos colaterais nessa faixa etária.

Fernández, que tem 61, ficou de fora da primeira leva. Nesta semana, por fim, a Anmat autorizou a aplicação emergencial da Sputnik V também nos mais velhos.

Segundo a agência, a vacina russa mostrou eficácia de 92% entre a população com mais de 60 anos e de 98% entre os mais jovens, nas quatro semanas de aplicação.

Segundo a agência, a vacina russa mostrou eficácia de 92% entre a população com mais de 60 anos e de 98% entre os mais jovens, nas quatro semanas de aplicação.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

"Vamos nos vacinar", escreveu.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.

Mais de 46 mil pessoas morreram na Argentina em decorrência da Covid-19, segundo dados da Universidade Johns Hopkins. E pelo menos 1,8 milhões de casos foram confirmados.